

5F-Brasília
LÁ TEM ROUPAS, COMIDAS, ARTE, MÓVEIS, GENTE QUE COMPRA E ARTISTA QUE VENDE

A TORRE DAS ILUSÕES

Freddy Charlson
e Márcia Vitória
Da equipe do **Correio**

Tão megalomaníacos quanto a Torre de Televisão, que mede 224 metros do térreo ao ponto mais alto, são os sonhos dos 600 artesãos, 52 artistas plásticos, 26 comerciantes e 10 mil frequentadores semanais do lugar. Sonhos de melhoria da principal feira de artesanato de Brasília, criada no final da década de 60 quando os artesãos começaram a expor — e os frequentadores a comprar — produtos sem nenhuma organização.

Assim como são emocionantes as histórias da gente que vive — por um ou outro motivo — em torno de uma estrutura entregue à população em 9 de março de 1967, oito anos depois do início de sua construção (a Torre de TV não era prioridade na construção da cidade...)

Histórias como aquela do encontro entre um ex-guerrilheiro na época do regime militar e um ex-recruta do Exército acusado de desviar armas, que combinaram passar, depois de 25 anos, o réveillon do ano 2000 no mirante da torre, a 75 metros de altura — durante anos, até 1989, quando o GDF instalou grades de proteção, o lugar foi o preferido pelos suicidas. O desejo não se concretizou. O guerrilheiro morreu anos antes de cumprir a promessa. E o ex-recruta sumiu no mapa.

Mas o desejo das melhorias na infra-estrutura da torre — e da vida que gira em torno dela — continua. A comunidade quer

Fotos: Adauto Cruz



O carioca Nicanor Faria driblou a crise vendendo santos de gesso na Torre de TV, onde conheceu a mulher Sandra, uma ex-cliente

banheiros com rampas para deficientes físicos, água, esgoto e energia elétrica na área destinada à alimentação. Quer que a feira funcione todos os dias e não só aos sábados, domingos e feriados, das 9h ao escurecer. E que ponha, assim, à venda seus produtos de tecelagem, cerâmica, bijuterias, flores do cerrado, vegetais, couro, madeira, fibras, metais e trabalhos manuais. Além da culinária regional.

Enfim, a síntese da produção artesanal do DF (é proibida a venda de produtos industrializados e bebidas alcoólicas).

Há dez anos na Torre, a presidente da Associação de Artesãos e Expositores da Feira, Ana Lúcia da Silva, tenta emplacar o projeto Colméia, uma espécie de redesenho das barracas na forma hexagonal e engatadas como os favos de uma colméia. Ana não tem ponto próprio. Ven-

de velas e frutas parafinadas na barraca de uma amiga. E ama o seu trabalho. E ama a Torre de TV. E a feira de artesanato.

Ou como seu Nicanor Faria, que driblou a falta de dinheiro, vendendo santos de gesso, a partir de 1973, quando aqui chegou transferido do Rio de Janeiro. O trabalho que acabou rendendo uma parceria. Mais. Um casamento.

É que à procura de pequenos

frades, Sandra Regina, 39, acabou indo parar na barraca de Faria. Conversa vai, conversa vem, descobriram afinidades. Inclusive a vontade de casar, um com o outro. Hoje, Nicanor faz as próprias peças de gipsita (gesso melhorado) e Sandra pinta. E eles ainda têm a ajuda da filha Angélica, que acompanha o casal unido pelos santos de gesso, todo santo fim de semana. Onde? Na Torre de TV, claro.

O REENCONTRO PROMESSA DE MESA DE BAR

Cerveja vai, cerveja bem, todo mundo alegrinho. Eis que, de repente, surge uma idéia. Idéia? Bem, mas parecia uma promessa, uma loucura, um devaneio de quem já tinha bebido além da conta. Eles — quatro amigos que gostavam de assistir a partidas de tênis — deveriam reencontrar-se na Torre de TV. Quando? Quinze anos depois daquela noite de 18 de março de 1986, quando tomaram todas e mais algumas no extinto bar Maloca Querida, 107 Sul.

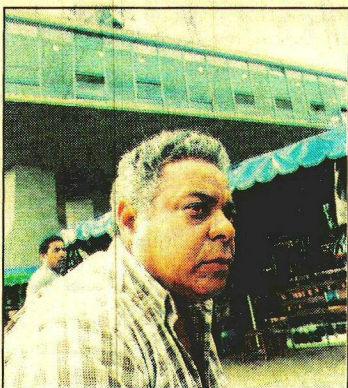
Mas porque logo a torre? Ninguém sabe o porquê da escolha. "Era um lugar famoso e conhecido por todos nós", explica o administrador de empresas Alexandre Oprea de Carvalho, o Sacha, 37 anos, responsável pelos encontros da turma — além dele, o treinador da equipe brasileira da Copa Davis, Ricardo Acioly, 35, a economista Beatriz Pinheiro e o advogado Aref Assreuy Junior.

Pois foi entre um e outro gole da bebida alcoólica que o grupo rasgou uma nota de Cz\$ 100 e a dividiu em quatro partes, uma para cada. Pedacos que foram assinados e que deveriam ser apresentados no reencontro.

O reencontro dos amigos de infância — Sacha e Beatriz estudaram no Colégio Rosário; Aref era vizinho dele na QL 8, Lago Sul; os três assistiam aos jogos de Acioly na Academia de Tênis — tem boas chances de acontecer. O único que não mora em Brasília é justamente Acioly, que só vem a cidade rever a família duas vezes por ano, nos intervalos das viagens que faz com seu pupilo, o tenista Fernando Meligeni, desde 1995.

E pensar que todos esses planos começaram com uma simples pergunta, depois de algumas cervejas. "O que vamos estar fazendo no ano 2000?", questionou um deles. "Que tal se a gente se encontrasse?", respondeu outro. "Vamos!", concordaram os quatro. "O Ricardo até disse que se estivesse na final de Roland Garros, perderia por W.O para não faltar ao encontro", lembra Sacha.

RETRATOS DA VIDA



Sua barraca é a maior da feira, mas Manoel começou do nada

TUDO OU NADA

Manuel das Bolsas, paulistano da Móoca, chegou em Brasília, em 1959. Junto, os quatorze irmãos. Acordava às quatro da madrugada para catar papel. Mais tarde, das 8h às 18h, engraxava sapatos. Mas não parava por aí. À noite aprendia a ler em um cursinho de alfabetização. Eram tempos difíceis. Hoje, a barraca do

Manuel das Bolsas, a 618-Sul, é uma das maiores da feira.

A BAIANA TEM

Poucas pessoas naquele monte de gente que visita a Torre conhecem a história triste de Celina Monteiro dos Santos, baiana que veio de Caravelas (BA) em 1959. Mas todos — invariavelmente todos — provam a tapioca, o cuscuz ou a cocada da baiana. E não esquecem jamais. Cantineira, ela acabou montando barraca na feira da Torre, quando Brasília ainda era um grande acampamento. De origem simples, lutou muito para criar os seis filhos. Uma luta que venceu, mas que também teve o seu preço. De tanto ficar em pé, a baiana teve sérios problemas de circulação. Em 1986, precisou amputar uma das pernas. Sofreu que dava dó, mas continuou trabalhando. A dor e o sofrimento não pararam por aí.



Celina e o palhaço Limonada fazem a história da Torre

Um ano depois perdeu a outra perna. Mesmo assim, com as pernas amputadas, nunca se entregou. Continuou trabalhando duro.

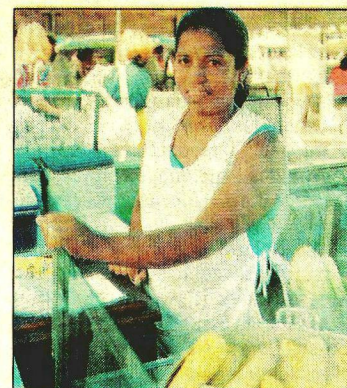
CHURRASQUINHO

Época boa aquela em que os artesãos estendiam pano no chão. Tempo em que o churrasquinho que Dona Leontina, 56 anos, era o preferido pelos visitantes da feira. A mulher trabalhava muito. E, assim, conseguiu construir sua casinha na Ceilândia. Hoje, ainda está lá, vendendo seu

churrasquinho na barraca 10-A da feira. "Mas o que ganho mal dá para sobreviver", garante. E mesmo com todas essas dificuldades, ela ainda ajudou a criar o palhaço Limonada. "De repente, ele apareceu na feira. Não tinha ninguém". Ex-menino de rua, Carlos Siqueira, 32 anos, cresceu e se transformou no Limonada. E ainda se transforma no palhaço, todo fim-de-semana, há quatorze anos.

LOVE STORY

Hermes Cirilo de Oliveira começou a vender milho na Torre, em 1976. Levava junto a neta Maria Eunice Souza, de dez anos. Dos seis netos que tinha, o único que gostava de acompanhá-lo era Maria Eunice. Hermes já morreu, faz tempo. Mas a barraca ainda está lá. E os antigos frequentadores do local lembram do sabor gostoso de seus milhos e suas pamonhas. Até hoje Maria Eunice vende os



Maria conheceu Kléber, que vendia churrasquinhos

produtos que seu avô vendia. A menina de dez anos hoje está com 33. Durante a semana dá aulas no Sesi de Ceilândia. Nos fins de semana vende milho na feira. Foi lá que conheceu o marido Kleber Souza que vendia churrasquinho em uma barraca ao lado. A amizade que começou em 1990, cresceu rápido. Dois meses depois da primeira conversa estavam noivos. No ano seguinte se casaram.